

BONET, J. V. *La pregunta más humana de E. Tugendhat*. España, Valencia: Publicacions de la Universitat de València, 2013, pp. 361.

## ANDREI LUIZ LODÉA<sup>1</sup>

(UFSC, Brasil)

O livro *La pregunta más humana de E. Tugendhat* de José V. Bonet<sup>2</sup> é indispensável ao estudo investigativo da obra de Ernst Tugendhat. Além de tornar compreensível, interpretar e criticar os problemas filosóficos abordados pelo autor alemão, Bonet, por meio de um trabalho sistemático e rigoroso se propõe a “ordenar” de forma cronológica as ideias e teorias desenvolvidas por Tugendhat ao longo de mais de 50 anos dedicados aos problemas da filosofia. Mencionamos a ideia de ordem cronológica, pois uma das grandes dificuldades, segundo pensamos, ao estudarmos os textos de tugendhatianos, principalmente em filosofia moral, é encontrar uma relação e ordem sistemática entre seus textos. O livro, através de um excelente trabalho de “garimpo” de obras, artigos, conferências etc., torna-se um dos poucos livros, se não o único livro, de referência para compreendermos o pensamento de Tugendhat de maneira sistemática. O livro não trata apenas de uma parte do pensamento de Tugendhat, o mais comum entre os que estudam o filósofo, mas compreende-se como sendo uma investigação detalhada de todos os intentos filosóficos do autor alemão. Temos a possibilidade, a partir da leitura deste livro, de compreendermos o verdadeiro sistema filosófico proposto por Tugendhat como filósofo analítico, prático e antropológico. Mais do que tudo, evidenciamos com o trabalho de Bonet que Tugendhat inclui-se entre os grandes filósofos contemporâneos como Habermas, Apel, Aubenque, Dumment, Rorty, Taylor e Heidegger.

Para cumprir esta difícil tarefa, Bonet divide a obra de Tugendhat em quatro etapas. Uma primeira etapa chamada de acadêmica e metafísica versa sobre o passado grego e sua tradição fenomenológica alemã anterior a segunda guerra mundial. Nesta etapa os dois principais livros do autor são: *TI KATA TINOS*, de 1958, e *Der Wahrheitsbegriff bei Husserl und Heidegger* (O conceito de verdade em Husserl e Heidegger) de 1968. Posteriormente, de 1965 a 1979, dedica-se a filosofia analítica e semântica. Nesta fase, os livros *Vorlesungen zur Einführung in die sprachanalytische*

*Philosophie* (Lições introdutórias à filosofia analítica da linguagem) de 1976, e *Selbstbewusstsein und Selbstbestimmung* (Autoconsciência e Autodeterminação) de 1979, destacam a forma metodológica que a filosofia analítica exerce em seus escritos posteriores. Autores como Strawson e Wittgenstein serviram como base para sua filosofia analítica da linguagem, resultando em uma metodologia também aplicada dentro de sua filosofia prática. Na terceira etapa iniciada em 1978 e ainda não acabada encontramos a parte mais abrangente e extensa de seus escritos. Nesta fase, Tugendhat ocupa-se das questões éticas e políticas. Declara-se um verdadeiro militante da esquerda e busca consolidar a sua filosofia moral. *Probleme der Ethik* (Problemas da ética) de 1984, que reúne as Três lições sobre ética de 1981 e as Retratações de 1983, *Vorlesungen über Ethik* (Lições sobre ética) de 1993 e *Dialog in Letícia* (Diálogo em Letícia) são as principais obras deste período ainda em construção. A última etapa iniciada em 1996 e que compreende seus atuais pensamentos, Bonet chama de “mística e antropológica”. Dois livros são os destaques: *Egozentrität und Mystik* (Egocentricidade e Mística) de 2003 e *Anthropologie statt Metaphysik* (Antropologia em vez de Metafísica) de 2007. Nesta fase, Tugendhat retorna a algumas discussões da filosofia analítica buscando analisar fenômenos como o tempo, o mundo, a morte ou a liberdade. Cada uma dessas etapas são apresentadas no primeiro capítulo, que tem por título “Biografia intelectual de um filósofo “migrante”.

Bonet considera Tugendhat como um “filósofo distinto, que não se parece a nenhum dos outros do século passado” (BONET, 2013, p. 49), possibilitando-nos ver claramente todas as relações existentes entre livros e artigos em cada uma das etapas desenvolvidas por Tugendhat, nos apontando as continuidades e possíveis discontinuidades entre cada uma das etapas propostas. As *Vorlesungen* (Lições) e as *Retraktationen* (Retratações), uma característica peculiar para expressar suas ideias – boa parte dos textos de Tugendhat são escritos na forma de lições, retratando-se sobre possíveis equívocos e erros. Essa forma de escrita é os resultados de um pensamento “migrante”, o próprio reflexo de sua vida. Seus livros e artigos, principalmente de sua terceira etapa, são frutos de uma produção intelectual baseada em momentos importantes na vida do filósofo em questão, entre eles, as revoluções estudantis na Alemanha dos anos 70 e os movimentos pacifistas dos anos 80. Assim, consideramos o livro de Bonet uma excelente ferramenta para compreendermos dentro de uma ordem

cronológica, a infinidade de obras e escritos que fazem parte de um “estilo” de filosofia único.

Destacamos, aqui, o conceito de “*proyeccion*”, proposto na parte final do primeiro capítulo, como uma forma de ajudar a compreender a “complexa unidade de uma obra que inclui continuidades, retificações, câmbios de paradigmas filosóficos e até o abandono de uma temática e sua substituição por outra” (BONET, 2013, p. 58). Este é apenas um aspecto dirigido a evolução do pensamento de Tugendhat. O verdadeiro objetivo proposto por Bonet é perguntar sobre a filosofia de Tugendhat, nos guiando à sua pergunta mais humana.

Neste sentido concordamos com o professor Bonet: temos com seu livro uma ótima “fotografia panorâmica” da obra de Tugendhat. Mas é claro, para obtermos uma ótima fotografia necessitamos de vários elementos, entre eles, um bom fotógrafo. Desta forma, daremos continuidade a apresentação dos capítulos.

Tendo por título “O que é a filosofia”, o segundo capítulo busca fazer uma análise da filosofia tugendhatiana, atravessando transversalmente as quatro etapas anteriormente citadas. O ponto de partida está nas indagações husserlianas sobre a ideia grega de filosofia primeira: a pretensão de um saber da máxima universal e a fundamentação ou justificação última do devido saber. Sobre o saber da máxima universal, conforme explica Tugendhat, ele tem dado lugar historicamente a distintos projetos de filosofia teórica, como a ontologia aristotélica, a filosofia transcendental moderna (que chega até o próprio Husserl) e, por último, o projeto da filosofia analítico-linguística que Tugendhat tenta formular em suas *Vorlesungen zur Einführung* na forma de uma semântica formal. Quanto a justificação última, o autor alemão em questão sempre entendeu que somente poderia se referir à motivação incondicional de uma atividade. A fundamentação tugendhatiana da moral tentará na medida do possível dar satisfação a isso. Como a própria obra de Tugendhat, a história de toda a filosofia ocidental pode ver-se como uma luta entre estes dois grandes panos de fundo, o teórico e o prático. Assim se compreende perfeitamente que Tugendhat apresente em seus últimos trabalhos a antropologia como herdeira legítima da ideia de filosofia primeira nas duas dimensões citadas.

O terceiro capítulo trata com segurança, de forma densa, porém precisa, o fio condutor da filosofia analítica de Tugendhat, que não é outro do que transformar em conceitos semânticos os conceitos ontológicos, tanto aristotélicos quanto

heideggerianos. A premissa central da referida transformação são as aporias semânticas cometidas por Husserl ao manipular a distinção entre “sentido” (Sinn) e “objeto” (Gegenstand), as quais afetam, na realidade, a toda a semântica tradicional e que somente se resolvem adotando um ponto de vista explicitamente fregeano. Toda a tradição ontológica, desde Aristóteles a Heidegger, girou em torno da palavra “ser”. Mas, tem esta palavra um sentido unitário? Tugendhat repassa e descarta diversos ensaios buscando dar uma resposta afirmativa. Por outro lado, a identidade, a existência e a predicação são mutuamente irreduzíveis, desde um ponto de vista lógico. Por outro, a antítese entre ser e o nada, que Parmênides, Hegel e Heidegger situam no centro da ontologia, tampouco é suscetível de uma formulação precisa desde um ponto de vista lógico. Já o sentido do ser (substância, essência), que para Aristóteles era o principal, se pode traduzir bem a uma teoria complexa das expressões dêiticas (*indexicals*) e aos termos singulares que, a juízo de Bonet, representa a melhor contribuição de Tugendhat para a semântica. Em relação ao problema da verdade, o Tugendhat analítico pretende salvar um aspecto de sua etapa anterior que não encontra evidência nas teorias semânticas. Tendo em vista estas discussões, Bonet propõe (de forma excepcional) neste ponto uma teoria analítica inspirada em Tugendhat que inclui também o uso do termo em orações como “a ciência busca verdade” ou “a verdade é amarga algumas vezes” (BONET, 2013, p. 128). Este terceiro capítulo intitula-se “Conceitos semânticos”.

As obras que tratam sobre fundamentação moral foram e continuam sendo as que despertaram maior empolgação filosófica, chamando a atenção de filósofos como Jürgen Habermas e Apel. Lançando um olhar diante de toda a produção textual desta longa fase, poderíamos dizer que seu pensamento é oscilante e passível de interpretações. Contudo, Bonet afirma que as obras sobre ética e moral possuem um “desenvolvimento notavelmente sistemático e coerente” (BONET, 2013, p. 152). Concordamos com esta afirmação do autor, inclusive podemos dizer que seus escritos de fundamentação da moral tem um propósito de aprimoramento, constituindo as bases de sua moral autônoma. É no capítulo quatro, “A fundamentação da moral”, onde Bonet procura desenvolver uma análise do projeto moral de Tugendhat.

O primeiro problema apontado pelo filósofo espanhol diz respeito sobre as possibilidades de uma ética autônoma livre de interferências religiosas, metafísicas ou transcendentais, como é o caso da razão pura kantiana. A ética “moderna” renunciaria

respostas baseadas em verdades superiores como “porque sempre foi assim”, “porque Deus quer” etc. A justificação das normas é muito mais do que uma imposição autoritária, própria da tradição. Para isso nossos juízos morais precisam querer ter um valor objetivo. Em Tugendhat não há uma justificação absoluta, mas uma concepção “plausível” da moral, tema sempre retomado em seus principais textos.

Extremamente importante na constituição de uma ética autônoma é a função formal exercida pelos juízos morais, baseados nos conceitos de “bem” e “dever”, e pelos sentimentos morais. Juízos de obrigação mais comuns são aqueles derivados dos verbos “dever”, “ter que” e “não pode”, que têm a função de fazer cumprir uma promessa, realizar uma ação, jogar um jogo e possibilitar a prática social. “O específico da exigência moral está, para Tugendhat, no nível interno, apresenta-se para nós mesclado tanto com os costumes e com as normas legais, quanto isolado destes dois níveis. Sem ele não haveria isso que denominamos moral” (BONET, 2013, p.163). O “bem” ou o “bom” não estão relacionados a uma determinada destreza particular como dançar, tocar um instrumento, cozinhar etc., mas, o “bom” está relacionado a própria pessoa, em seu valor como pessoa. Dentro de uma perspectiva moral a formação de uma identidade social e o acolhimento dos indivíduos dentro de um sistema moral passa fundamentalmente pela ideia de “ser bom” enquanto membro da comunidade. Nos diz Bonet “que o característico da *censura* moral é o que se dirige, não a uma ação ou a uma destreza (ou sua falta), mas sim a pessoa como tal” (p. 165).

A representação de uma sanção interna pode ser evidenciada quando não cumprimos uma determinada obrigação ou norma, podendo suscitar dentro da comunidade moral sentimentos morais de *ressentimento*, *indignação* e *vergonha*. Essa teoria dos sentimentos morais está baseada no artigo de P. F. Strawson, *Liberdade e ressentimento* o qual aborda as questões do determinismo e a imputação da liberdade. Para Tugendhat estes sentimentos se formam dentro de uma comunidade que exige certos comportamentos recíprocos. O medo de não fazer parte da comunidade, a *vergonha moral*, a *indignação* dos outros formam uma base fundamental para um conceito “formal” de moral em Tugendhat.

Uma pergunta decisiva feita por Bonet, neste aspecto formal da moral é como se ajustam os juízos morais com os sentimentos morais? Na leitura que fazemos de Tugendhat, os juízos morais e os sentimentos morais possuem uma finalidade distinta. Segundo Bonet, os juízos morais dão suporte, justificam e valoram os sentimentos

morais; entre um e outro se produzem conexões analíticas ou de significado. Para Tugendhat, o aspecto subjetivo dos sentimentos morais não pode ser oposto a objetividade dos juízos morais. Apesar desta afirmação os críticos podem acusá-lo de dar uma significação demasiado empírica a relação destes dois conceitos formais.

Para Tugendhat, a fundamentação de uma ética autônoma “moderna” pode ser possível através do contratualismo, teoria esta abandonada e retomada atualmente. Hoje, com a ideia de um contratualismo reforçado, chamado de contratualismo simétrico, Tugendhat defende que as normas morais devem estar “justificadas igualmente para todos”. Consideramos que este é o principal legado da teoria moral proposta por Tugendhat, o qual é reconstruído e analisado por Bonet: “o contratualismo simétrico e a igualdade normativa proporcionam uma base para o sistema moral e uma concepção de justiça” (BONET, 2013, p. 185). Destaca ainda, que para entendermos seu projeto moral, é necessário compreender a relação entre o poder e a moral, justiça e direitos, que, baseados na ideia de uma “igualdade para todos”, podem nos levar a uma ética igualitária e universalista. Ao menos esta é a proposta de Tugendhat, incluir “todos” dentro da comunidade moral. A partir disso, a pergunta proposta por Bonet é crucial: “quem são ‘todos’ e como Tugendhat faz para incluir ‘todos’ os que têm direitos e deveres dentro de uma comunidade moral?” (BONET, 2013, p.190). A estratégia adotada por Tugendhat é utilizar-se da *compaixão* e do *altruísmo espontâneo* como forma de poder incluir “todos”, estabelecendo as bases para uma comunidade moral claramente aberta, desde que, baseadas em justificações autonomamente constituídas. A tudo isso Bonet dirá que em todo este emaranhado conceitual da moral encontramos acertos e imprecisões, as quais são apontadas pelo autor no final do capítulo em questão.

No capítulo cinco, “Algumas questões de ética e política”, Bonet define aquilo que podemos chamar das questões mais importantes dentro do campo ético político que são: os direitos humanos igualitários, a eutanásia, o particularismo e o universalismo e os assuntos relacionados a guerra nuclear e paz. Estes temas não formam parte de uma concepção unitária, como é o caso da fundamentação da moral, mas tratam de questões pontuais próprias de seus escritos políticos. Podemos ver isso claramente no livro *Un judío en Alemania*. Evidentemente o interesse de Tugendhat é decorrente de um pensamento pacifista, uma característica de todo homem ou filósofo consciente de sua situação, capaz de pensar o futuro por meio da razão.

De acordo com Bonet, o conceito de direitos humanos é o conceito central da “moral política” de Tugendhat. Em Tugendhat, os direitos econômicos e os direitos sociais, considerados direitos de segunda geração, “são ‘verdadeiros direitos humanos’, com o mesmo valor moral e a mesma relevância para suscitar a legitimidade do Estado” (BONET, 2013, p.208). Isso indica uma teorização unitária dos direitos de primeira e segunda geração. Neste sentido, os direitos humanos para Tugendhat dizem respeito aos direitos individuais, aonde os conceitos de *liberdade negativa*, *liberdade positiva* e *autoajuda* são fundamentais e visíveis em todos os textos relacionados ao tema.

Sobre o tema da bioética, as principais discussões giraram em torno da *eutanásia involuntária*. Inspirado pelo “debate Singer” ocorrido na Alemanha, Tugendhat posiciona-se favorável a eutanásia involuntária como forma de evitar o sofrimento. Outras questões abordadas por Tugendhat dizem respeito ao direito ao suicídio, o aborto e sobre eutanásia ativa e passiva.

A origem judia de Tugendhat foi uma das questões que ele sempre se ocupou. Assumiu uma posição favorável aos ciganos, os palestinos e as pessoas asiladas, fruto das perseguições e crueldades bárbaras cometidas pelo nazismo contra os povos não arianos. Tugendhat foi uma vítima da Alemanha nazista de Hitler. Dessa busca de uma identidade judaica, surge, segundo Bonet, a ideia do particularismo – relacionado à ideia de povo judeu como o povo eleito, único entre todos os povos – e o universalismo – ideia de reino de Deus, prometido a todos os homens (BONET, 2013, p. 226). Em *Um judeu na Alemanha*, Tugendhat trata o sionismo ou o nacionalismo judeu como um “erro fatal”, de acordo com Bonet.

Ainda dentro da “moral política” Tugendhat exerceu forte militância pacifista sendo contrário a corrida armamentista, focando na eminência de uma possível e inevitável guerra nuclear entre ocidente (Estados Unidos) e oriente (União Soviética). Em seu livro, Bonet destaca quatro questões fundamentais para o debate sobre “guerra nuclear” e “paz”: 1) “É *racional* o rearmamento e, em geral, a ameaça nuclear? 2) Em que medida é *moral*? Ou seja, no tempo das armas *estratégicas*, pode haver alguma *guerra justa*, seja atômica ou convencional? 3) É o pacifismo uma questão de agrados? Como se relacionam a racionalidade e a moral nos problemas da paz? 4) Por que os povos não são mais conscientes do perigo que representa uma ameaça nuclear, o que os impede de percebê-lo e mobilizar-se?” (BONET, 2013, p. 238). Estas seriam as principais ideias apresentadas no quinto capítulo.

O sexto capítulo é dedicado aos últimos dois livros de Tugendhat. O livro *Antropologia em vez da metafísica*, representa aquilo que consideramos ser o pensamento atual de Tugendhat. Para ele a verdadeira pergunta que deve ser feita pela filosofia diz respeito ao *ser do homem*. Colocando a antropologia como filosofia primeira, e admitindo, dentro do âmbito prático, a autonomia do sujeito, o autor alemão busca desenvolver discussões interessantes sobre questões filosóficas que integram as principais dúvidas humanas, entre elas: a liberdade, o medo da morte e as questões relacionadas a religião e a mística. Seguindo a ideia de Bonet, podemos dizer que este é o porto de chegada da obra de um filósofo “migrante”. Tugendhat, com “seu giro antropológico, permite integrar (ou ‘projetar’) os distintos aspectos de sua produção em um formato flexível que não violenta nenhuma das outras propostas éticas ou analítico-linguísticas do autor” (BONET, 2013, p. 254). Estas são as questões que Bonet procura nos apresentar no sexto e último capítulo.

Neste capítulo, Bonet destaca a importância da linguagem humana como sendo a principal condição e possibilidade apresentada por Tugendhat, para a comunicação, a aprendizagem e o entendimento mútuo. Baseado na ideia aristotélica, a linguagem humana, diferentemente dos outros animais, contém um *logos*, o que nos habilita a podermos falar de forma proposicional sobre o “justo”, sobre o “bom”. Bonet destaca ainda as questões abordadas por Tugendhat em seu livro *Egocentricidad y mística*, sobre a autorrelação, a autoconsciência e a identidade pessoal, demonstrando que o ser humano está intimamente relacionado e dependente de seu entorno, buscando viver bem e o melhor possível.

O tema da liberdade analisado por Tugendhat que reúne fatores como a liberdade de ação, livre arbítrio ou vontade livre é, segundo Bonet, um “fato do mundo natural que simplesmente deve ser entendido ou descrito” (BONET, 2013, p. 274). No sentido da liberdade, toda responsabilidade e decisão de uma ação dependem de uma “perspectiva interna” que está baseada em primeira pessoa, o “eu”. Ou seja, a deliberação não pode estar desassociada do sujeito. Levando em consideração os conceitos de “existência autêntica” e “ser próprio” de Heidegger, Tugendhat expressa que a atitude autônoma está presente em qualquer atividade. Bonet também discute o papel da honestidade intelectual, encarada como “profundidade” das deliberações. A exposição sobre honestidade intelectual toma como referência a relação entre: honestidade intelectual e a vontade de verdade, a motivação de não enganar e não

enganar-se e a morte de Deus ou ateísmo. Neste capítulo, ainda são apresentadas algumas ideias sobre o que Tugendhat pensa sobre a morte, sobre a religião e a mística. No caso da religião e da mística a análise elaborada por Tugendhat tem como pressupostos as bases antropológicas de uma mística não religiosa, negando a existência de qualquer Deus pessoal, no caso da religião, e o “filosofar em ‘primeira pessoa’, em relação com a própria vida, no caso da mística” (BONET, 2013, p. 294).

Ao seu final, o livro traz um epílogo escrito pelo professor Manuel Jiménez Redondo, ressaltando a importância acadêmica e intelectual do livro do professor José Vicente Bonet, tendo intento e êxito em reconstruir, interpretar e reinterpretar a obra de Tugendhat.

Os seis capítulos que formam o corpo principal do livro do professor Bonet trazem expostos, de forma muito bem organizada, a produção intelectual de Tugendhat. Mas é claro, como toda resenha não podemos apresentar apenas os fatores positivos, também precisamos dizer se o livro ou a obra apresenta problemas ou falhas. A pergunta correta em nosso caso é: o que podemos dizer “negativamente” do livro? Por se tratar de um livro que procura apresentar de forma sistemática o pensamento completo de um filósofo, muitas vezes os temas não são tratados com grande profundidade, optando apenas por apresentar as ideias e problemas – aqui nos referimos, por exemplo, ao conceito de contratualismo simétrico. Mas essa é uma consequência assumida pelo autor já no início de seu livro, o que não retira o brilhantismo de sua exposição. Dependendo da interpretação de cada leitor poderá ser perceptível a economia de argumentação em alguns tópicos.

Teríamos muito mais coisas a dizer sobre o livro do professor José V. Bonet. Sem sombra de dúvida Bonet nos faz perceber que a obra de Tugendhat faz parte de um todo sistemático. Até mesmo suas retratações e suas constantes revisões e aprimoramentos fazem parte do que consideramos uma “ironia filosófica”, bem como de seu alto rigor conceitual. Podemos dizer que o livro do professor Bonet é um trabalho fundamental para aqueles que optarem pelo estudo do pensamento de Ernst Tugendhat.

Para finalizarmos nossa resenha um questionamento deve ser feito: Qual é a pergunta mais humana de E. Tugendhat? Creio que a resposta deve ser buscada pelos próprios leitores no livro do professor José V. Bonet.

---

**Notes:**

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Bolsita Capes. E-mail: [alodea9@hotmail.com](mailto:alodea9@hotmail.com).

<sup>2</sup> O Professor Doutor José V. Bonet é professor da Universidade de Valencia e da Universidade Católica de Valencia.

Recebido / Received: 22/01/2014  
Aprovado / Approved: 12/06/2014